
Performances de pertencimento e distinção simbólica no Bloco Eu Acho É Pouco (Olinda/PE)¹

Ana Paula Campos Lima²

Lívia Valença da Silva³

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Resumo

O artigo analisa como o pertencimento ao Bloco Eu Acho É Pouco - EAEP (Olinda/PE), criado em 1976 com proposta política crítica, vem se transformando nos últimos anos. A partir de registros visuais e comentários nas redes, identificamos dois movimentos que se misturam: foliões que mantêm viva a memória política do Bloco e outros que vivem a experiência principalmente pela performance visual e digital. A partir da etnografia visual (Angrosino, 2009) e da análise de conteúdo (Bardin, 1977), cruzamos os dados com reflexões de autores como Bourdieu (2004), Hall (1997), Canclini (1995), Jenkins (2009), Bauman (2001) e Barbosa (2004), discutindo como identidade, consumo e distinção simbólica aparecem na cultura urbana.

Palavras-chave: frevo; cultura urbana; pertencimento; distinção simbólica; redes sociais.

Introdução

Com quase cinco décadas de existência, o Bloco Eu Acho É Pouco surgiu como crítica irreverente à ditadura e hoje se reinventa entre tradição e visibilidade digital. Ao lado de manifestações como maracatus, caboclinhos, bois e o frevo — ritmo que embala o Bloco —, ele integra o conjunto da cultura popular pernambucana.

Quase cinco décadas depois do seu surgimento, o Eu Acho É Pouco mantém seus principais símbolos — as cores vermelho e amarelo, o dragão, o estandarte —, mas passou a ganhar novos sentidos nas dinâmicas digitais e na busca por visibilidade. Além dos foliões que preservam o espírito crítico original, há também quem use o Bloco como cenário para compor imagens e marcar presença na festa, mesmo sem acompanhar o cortejo do Bloco em si.

Neste artigo, analisamos as transformações no pertencimento ao Bloco Eu Acho É Pouco, com base no conceito de capital simbólico (Bourdieu, 2004) e em diálogos com autores como Hall (1997), Jenkins (2009), Goffman (2002), Canclini (1995) e Bauman

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação e Docente no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. e-mail: paula.camposlima@ufpe.br.

³ Doutora em Comunicação e Docente no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. e-mail: livia.valenca@ufpe.br.

(2001). Discutimos como as disputas por visibilidade, distinção e reconhecimento atravessam o carnaval contemporâneo, especialmente em suas interações com as redes sociais digitais.

Pertencimento, distinção e identidade no carnaval de Olinda

Hoje, consumir não é só comprar coisas — é também construir identidades e mostrar quem se é (Canclini, 1995; Barbosa, 2004). Festas como o carnaval de rua funcionam como espaços em que as pessoas se afirmam, mostram-se e tentam pertencer a algo (Hall, 1997). Esse pertencimento simbólico não é um dado fixo, mas um jogo de reconhecimento, distinção e repertórios culturais disponíveis a cada um.

No caso do Bloco Eu Acho É Pouco, pertencer não significa apenas sair no cortejo, mas vestir as cores certas, postar do lugar certo, parecer “ser do Bloco”. Bauman (2001) lembra que, na modernidade líquida, construir a própria identidade virou uma tarefa permanente e isso intensifica a necessidade de se exibir, de se afirmar, de marcar presença. As redes sociais entram nesse jogo como palco de visibilidade e reconhecimento (Jenkins, 2009), ampliando ainda mais essas disputas simbólicas (Barbosa, 2004).

Eu Acho É Pouco: história e trajetória

Criado em 1976, em Olinda/PE, o Bloco Eu Acho É Pouco nasceu como crítica irreverente à ditadura, por foliões ligados às artes e ao meio acadêmico. Como mostram seu site oficial e uma reportagem sobre o tema (Eu Acho É Pouco, 2025; Brasil de Fato, 2019), o Bloco nasceu nas ladeiras de Olinda/PE com um discurso crítico e festivo. Mas é importante notar que essa crítica partia de pessoas com formação, prestígio e acesso — ou seja, desde o início, o EAEP carregava filtros sociais, mesmo sendo percebido como um bloco popular.

As cores vermelho e amarelo são marca registrada do Bloco desde 1980, presentes em camisas, tecidos e no estandarte que abre o cortejo junto ao dragão. Com cerca de 15 metros e inspirado no dragão chinês, ele é também ponto de partida para fantasias e acessórios carnavalescos.

Figura 1 – *Print* de vídeo de estandarte com insinuação política no Bloco EAEP



Fonte: Instagram do @euachoe pouco, 2025.⁴

No vídeo da Figura 1, os comentários demonstram disputas sobre o significado do Bloco. Um usuário reclama: “infelizmente hoje é um bloco q divide, por questões ideológicas e políticas”, ao que outros rebatem: “rapaz, acho que você é novo por aqui” e “o bloco foi criado em meio à ditadura”. Pela análise de conteúdo (Bardin, 1977), vemos o confronto entre uma leitura que acusa o Bloco de “politização” e outra que resgata sua origem crítica.

O estandarte com a frase “Sem anistia” reforça esse posicionamento. Pela etnografia visual (Angrosino, 2009), não se trata apenas de enfeite, mas de uma tomada de posição. Como diz Hall (1997), a identidade é sempre um campo de disputa. E, para Bourdieu (2004), essas disputas simbólicas são também lutas por legitimidade. Em tempos de pertencimentos frágeis e polarizados (Bauman, 2001), um *post* pode reativar memórias e desconfortos.

Em 1982, foi criado o Eu Acho É Pouquinho, pensado para as crianças filhas de foliões. Hoje, o Bloco é tocado por uma nova geração — filhos, netos, sobrinhos e amigos dos fundadores (Eu Acho É Pouco, 2025).

⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DGynlagpWhq/>. Acesso em: jun. 2025.

Figura 2 – Registros do Eu Acho é Pouquinho, 2014 e 2016.



Fonte: Acervo pessoal, 2014 e 2016.

As imagens da Figura 2 mostram cenas do Eu Acho É Pouquinho com crianças, famílias e o dragão adaptado com chupeta. São registros carregados de afeto e continuidade — no caso, mãe e filho fotografados em anos diferentes (2014 e 2016), ambos fantasiados para o cortejo. Pela etnografia visual (Angrosino, 2009), esse pertencimento é vivido nos detalhes da fantasia. Pela análise de conteúdo (Bardin, 1977), vemos que o Bloco é passado adiante, não apenas pelo discurso, mas pela experiência compartilhada.

Como aponta Hall (1997), a identidade nasce no vínculo, no reconhecimento mútuo. E Canclini (1995) lembra que o popular é feito dessas misturas: brincar, vestir-se, estar junto. É isso que essas imagens revelam — o carnaval como espaço de encontro, memória e herança afetiva.

Vivências e registros: as diferentes presenças no Eu Acho É Pouco

A partir das observações e do material coletado, percebemos que, hoje, coexistem dois movimentos no Bloco Eu Acho É Pouco: foliões que mantêm viva a proposta política e a memória crítica do Bloco, reafirmando o sentido de resistência que marcou sua origem, e outros que participam, principalmente, pelo registro visual e pela performance nas redes — com poses pensadas, produção estética e busca por “cenários instagramáveis” nas ladeiras de Olinda/PE. Para muitos, não basta estar no desfile: é preciso mostrar que esteve lá e acionar o capital cultural associado ao Bloco.

Esses dois perfis não são excludentes, mas expressam formas diferentes de viver a experiência, misturando engajamento político e busca por visibilidade nas redes. Como analisa Bourdieu (2004), essas distinções atravessam capitais culturais, econômicos e

sociais — simbólicos, enfim —, produzindo formas sutis de seleção social mesmo em festas populares e abertas.

É verdade que o Bloco não tem cordão de isolamento formal nas ladeiras — qualquer pessoa pode seguir o dragão, desde que esteja com as cores do EAEP. Mas isso não significa que o acesso simbólico seja totalmente livre. Existe um “cordão invisível” que organiza quem pertence e quem não pertence. Não há grades, mas há códigos: o visual, o discurso politizado, o comportamento nas redes. Como propõe Bourdieu (2004), esses marcadores funcionam como filtros simbólicos — não basta estar, é preciso performar.

Hall (1997) lembra que a identidade é sempre construída na relação com o outro e se define pela diferença. Já Bauman (2001) aponta que os pertencimentos contemporâneos são frágeis, mas vigiados — pelas aparências, pelas imagens, pelos sinais de “estar dentro”. O Eu Acho É Pouco continua sendo um bloco de rua, mas com fronteiras simbólicas bem visíveis para quem sabe ler os códigos.

Figura 3 – Bloco Eu Acho É Pouco nas ladeiras de Olinda e Baile Vermelho e Amarelo



Fonte: Instagram do @euachoepouco, 2022 e 2016⁵

As imagens e comentários da Figura 3 ajudam a visualizar os dois perfis de foliões que discutimos. Na imagem das ladeiras, o dragão conduz o cortejo em meio à multidão vestida de vermelho e amarelo (imagem da esquerda). Os comentários reforçam o vínculo

⁵ Disponíveis em: <https://www.instagram.com/p/CgMP-wzOvFu/> e https://www.instagram.com/p/BAr_Rb2IaRU/. Acesso em: jun. 2025.

afetivo e político com o Bloco: “meu pai segurando a cabeça do dragão”, “luta e resistência sempre”, “coração cheio de esperança” (imagem do meio). Pela análise de conteúdo (Bardin, 1977), essas expressões revelam categorias como pertencimento, memória e resistência — elementos que mantêm vivo o sentido do Eu Acho É Pouco como símbolo de identidade e luta.

Já a imagem do Baile traz outra lógica (imagem da direita). Mesmo com os rostos desfocados, percebemos que há cuidado com o visual: maquiagem, roupas e cenário elaborados. Tudo é pensado para compor a imagem. É uma performance construída, o que Goffman (2002) chama de “fachada social”: uma forma de se apresentar publicamente dentro de um certo contexto. Como aponta Angrosino (2009), trata-se de uma autoinscrição visual — planejada e voltada para a circulação nas redes. E, como lembra Bourdieu (2004), esse tipo de distinção comunica pertencimento a certos capitais simbólicos: mesmo em festas populares, há marcas sutis de diferenciação.

Esses contrastes também dialogam com o que Bauman (2001) chama de liquidez dos vínculos: em tempos de redes e aparências, o pertencimento pode ser mais visual do que vivido. Entre a festa coletiva e a performance para o *feed*, o carnaval se torna, ao mesmo tempo, espaço de afeto e de autopromoção.

Visibilidade e exposição nas redes sociais

As redes sociais, principalmente o Instagram, ampliam ainda mais a visibilidade e a ideia de pertencimento para quem quer mostrar que esteve no Bloco – ou mesmo no Baile Vermelho e Amarelo. A festa em questão é paga, os ingressos são disputados e costumam esgotar rápido, daí o valor intangível que há para quem consegue estar nesse lugar seletivo. Fica claro que o acontecimento é ressignificado.

O Baile Vermelho e Amarelo, iniciado em 1980, assim como as camisetas da agremiação, tinha como objetivo gerar renda para custear as despesas que são necessárias para realizar os desfiles que acontecem durante o carnaval, sua estrutura e, principalmente, o pagamento dos músicos que formam a orquestra de frevo que embala os desfiles pelas ladeiras de Olinda.

O Baile carrega, ainda, outra característica relevante para o que estamos analisando, pois, por ser pago, nem todos os foliões têm acesso ao evento. O Baile costuma ocorrer cerca de um mês antes do início da folia de momo. Por ser esse evento fechado, pago e disputado, estar presente se torna um diferencial. Registrar e publicar

esse momento nas redes passa a funcionar como chancela simbólica. O Baile do Eu Acho É Pouco acaba funcionando como um tipo de palco privilegiado, em que estar presente, vestir-se bem e aparecer nas fotos não é só vaidade: é um modo de mostrar pertencimento. E, de certa forma, autoriza a viver o *glamour* sob o selo de um carnaval “politizado”.

Como explica Jenkins (2009), na cultura participativa, as pessoas querem produzir seus próprios conteúdos, ganhar visibilidade e participar ativamente das narrativas — inclusive em eventos como o carnaval, em que o registro vira parte da experiência. No caso do Eu Acho É Pouco, não é só o folião que se mostra: o próprio Bloco reforça essa lógica ao repostar fotos dos participantes em seus perfis, promovendo uma espécie de visibilidade recíproca.

Figura 4 – Postagem oficial do perfil @euachoepouco com imagem de foliões



Fonte: Instagram do @euachoepouco, 2020.⁶

A Figura 4, retirada do perfil oficial do Bloco, mostra foliões vestindo figurinos de um ateliê, nas cores vermelho e amarelo, em cenário previamente escolhido para produzir a cena desejada. Essas roupas são vendidas durante o período que antecede o carnaval. As publicações com essas imagens, ao serem repostadas pelo Eu Acho É Pouco em sua rede social, ganham *status* simbólico. Mais do que publicidade, isso torna-se chancela. Goffman (2002) descreve isso como um jogo de encenação pública: a pessoa organiza sua aparência conforme os códigos esperados para aquele espaço social. Para Angrosino (2009), é uma autoinscrição visual — o sujeito se constrói para ser visto, curtido, validado. Pela análise de conteúdo (Bardin, 1977), surgem categorias como visibilidade, estilo e distinção.

⁶ Disponíveis em: https://www.instagram.com/p/B8L4tUaptYy/?img_index=1. Acesso em: jun. 2025.

Essa lógica está alinhada ao que Jenkins (2009) chama de cultura participativa: não basta participar, é preciso produzir conteúdo sobre a participação. No caso do Bloco, esse conteúdo é, muitas vezes, esteticamente construído, comercialmente articulado e simbolicamente validado, inclusive com a colaboração do próprio perfil oficial. A visibilidade se retroalimenta: quem performa bem aparece e quem aparece tem mais valor simbólico.

Analizando as práticas de pertencimento no Bloco Eu Acho É Pouco

A pesquisa é qualitativa, com foco na observação de postagens no Instagram de foliões, do Bloco e de marcas locais. Com base na etnografia visual (Angrosino, 2009), identificamos padrões de cores, trajes, poses e cenários. Também aplicamos a análise de conteúdo (Bardin, 1977) em legendas e comentários, buscando sentidos de pertencimento, distinção e autoinscrição visual — quando o folião se inscreve na festa pela imagem. O site oficial do Bloco foi usado para contextualização.

Muitos foliões registram sua presença pelas cores e *hashtags* do Bloco. Esses elementos funcionam como carimbos simbólicos: “eu estive lá”. As fotos, em geral, são posadas, com figurinos pensados e planos de fundo previamente escolhidos — mesmo que a pessoa nem tenha seguido o cortejo. O importante é mostrar que participou.

Figura 5 – Autoinscrição visual nas ladeiras de Olinda



Fonte: Instagram do @robertamartinsdonarosa, 2024.⁷

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/robertamartinsdonarosa/>. Acesso em: jun. 2025.

A Figura 5 mostra uma foliã posando com traje dourado, bolsa e sandália vermelhos e um acessório que remete ao frevo e ao carnaval de rua de Pernambuco: a sombrinha de frevo. E dessa forma está montado o cenário ideal para o registro. Na legenda, ela avisa que vai para mais uma prévia e ainda divulga sua própria marca de acessórios. Como lembra Goffman (2002), trata-se de uma fachada pensada para ser vista e curtida. Para Angrosino (2009), é autoinscrição visual: a imagem é pensada para circular.

Mesmo sem comentários (perfil fechado), a legenda e o contexto já revelam categorias como produção de si, visibilidade e autopromoção (Bardin, 1977). Hall (1997) aponta que identidades se constroem na relação com os outros, de forma performada. Canclini (1995) lembra que o popular e o consumo estão sempre misturados — e a folia também é vitrine. Para Barbosa (2004), até nas festas há formas de se distinguir. E como propõe Bourdieu (2004), tudo isso comunica capital simbólico: quem sabe performar, sabe pertencer.

Os perfis observados aqui não esgotam todas as formas de estar no Bloco, mas ajudam a entender como se constrói, hoje, o pertencimento simbólico no Eu Acho É Pouco — entre memórias afetivas, imagens e distinções.

Considerações finais

No Eu Acho É Pouco, tradição e performance digital se misturam. Há quem siga o Bloco pela política, pela música, pela estética — e quem vá só pela foto. Não se trata de dizer que só é folião quem marcha até o fim, nem de reduzir a festa ao filtro do Instagram. A questão é entender como o pertencimento se adaptou aos tempos das redes.

Hoje, muita gente está no Bloco sem nem ver o dragão passar. Basta estar na ladeira certa, com a camisa vermelha e amarela e garantir o clique. A vivência do carnaval não depende mais do cortejo, mas do registro — algo que o próprio EAEP alimenta, ao repostar fotos, dar visibilidade e validar presenças.

Fato é que o Bloco sempre seguiu uma lógica de distinção simbólica. O palco é que mudou. Antes, era o estandarte. Agora, é o *feed*. Antes restrito ao circuito cultural, o pertencimento continua simbólico, mas agora passa pelas redes sociais e pelo mercado da imagem.

O Eu Acho É Pouco continua sendo espaço de memória, política e resistência, mas também cenário de disputas contemporâneas por visibilidade e distinção. Os símbolos do

Bloco funcionam como chancela simbólica: quem os carrega, comunica pertencimento. O Baile reforça isso — ao ser fechado, pago e disputado, vira vitrine.

Em tempos de vínculos frágeis e identidades instáveis, as pessoas seguem tentando mostrar quem são ou parecem ser. E o carnaval vira mais um palco: de luta, de festa e de cena.

Referências

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARBOSA, Livia. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2004.

BRASIL DE FATO. **Carnaval é política: Eu Acho É Pouco se prepara para mais um ano de folia em Olinda**. 13 fev. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/02/13/carnaval-e-politica-eu-acho-e-pouco-se-prepara-para-mais-um-ano-de-folia-em-olinda>. Acesso em: jun. 2025.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

EU ACHO É POUCO. **História do bloco**. Disponível em: <https://www.euachoepouco.com.br/>. Acesso em: mai. 2025.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.